

Polissemia das formas ou construção de sentido no e pelo enunciado?

Helena Topa Valentim

Abstract: As a theoretical concept, polysemy presupposes a particular approach to the units' signification, the lexicographic and lexicological approach of dictionaries. But in the framework of a semantic and enuntiative analysis, there are different nature phenomena which formulate the problem of the functionality of this concept, namely the problem of the relation between linguistic signification and the construction of referential values.

With this brief presentation, I pretend to demonstrate the insufficiency of the concept polysemy. Based in a proposal of enuntiative description and explication, the signification of the linguistic units is not a priori of each form, but is constructed in and through the linguistic context.

O conceito de polissemia pressupõe uma abordagem particular do sentido das formas linguísticas, isto é, a abordagem lexicográfica e lexicológica em que, de um modo geral, se baseia a dicionarística. De acordo com um tratamento lexicográfico no sentido clássico, os termos linguísticos possuem, em si mesmos, um ou mais significados, que são, normalmente, exemplificados numa lista finita de empregos. Este facto decorrerá, em grande parte, da função utilitária dos dicionários. No entanto, no quadro teórico de uma análise enuntiativa, podemos formular o problema da afectação de um significado a uma unidade linguística e, por conseguinte, questionar a operacionalidade do conceito de polissemia.

É facilmente constatável que, por vezes, a modificação de um único elemento do

seu contexto linguístico (ou cotexto) é suficiente para que o valor de uma unidade se modifique. Por conseguinte, parece igualmente evidente que a significação de uma qualquer unidade linguística varia consoante a sequência enuntiativa em que esta ocorra. Aliás, se a dinâmica interna à própria linguagem é da ordem da interacção, as possibilidades de interpretação de qualquer enunciado e das unidades que o engendram decorrem dessa dinâmica de interacção. Por outro lado, esta dinâmica de interacção entre cada unidade e o seu cotexto é uma construção que implica uma dependência recíproca: a significação associada a cada unidade depende do cotexto de ocorrência e a significação global do enunciado depende da rede de relações de dependência recíproca entre as unidades que o compõem.

Veja-se, a título ilustrativo, as sequências *o tempo corre*, *o atleta corre*, *a água corre* e *a notícia corre* cuja significação, ainda que com recurso à mesma forma (verbo *correr*), varia de acordo com a natureza semântica do sujeito. São associáveis a estas sequências, respectivamente, uma noção de rapidez, uma noção de locomoção, uma noção de fluidez e uma noção de difusão.

Por conseguinte, uma reflexão sobre a forma como se constrói a significação das unidades linguísticas sob um ponto de vista enunciativo terá que ter como pano de fundo a questão da relação entre a significação linguística e a construção de valores referenciais. Aqui fica uma enumeração de alguns princípios que permitem estruturar uma abordagem da questão do sentido das formas linguísticas segundo este ponto de vista:

1. O sentido das formas linguísticas não é um dado, mas constrói-se no e pelo enunciado, ao mesmo tempo que são as formas linguísticas em coocorrência que determinam o sentido dos enunciados. Por outras palavras, a significação de uma forma linguística não existe por si mesma; define-se através dos variados modos de relação com o contexto linguístico em que esta se inscreve.

2. A identidade de uma forma linguística não se define por qualquer sentido base, mas pelo papel específico que desempenha nas interações constitutivas do sentido dos enunciados em que ocorre. Isto é, o sentido das unidades não é apreendido como o sentido da própria unidade mas através da variação do resultado de tais interações.

3. Não há sentido próprio e sentido(s) figurado(s) ou derivado(s). Coloca-se, assim, como hipótese uma organização multidimensional do sentido, pelo que os conceitos de sentido literal e de sentido figurado são postos em causa. Falar de um “sentido puro” de uma unidade seria e é sempre uma abstracção.

Como estruturar, a partir destes pressupostos, um trabalho de descrição e de explicação metalinguística que dê conta da plasticidade ou variabilidade mas também da regularidade ou identidade das formas?

É através da variabilidade do valor semântico das unidades conforme os contextos linguísticos de ocorrência que se coloca o desafio de identificar regularidades no modo como tal variação se organiza. Aliás, a variabilidade advém do facto de a mesma unidade linguística ter maneiras variáveis, mas determinadas por

princípios regulares, de estabelecer relações com os elementos do cotexto. Como vimos nos exemplos aqui propostos, as significações atribuíveis a uma forma resultam sempre de uma combinatória, isto é, da interacção com o cotexto, e variam em função dos enunciados em que ocorrem. Não são, portanto, aleatórias.

Esta dinâmica de interacção, também referida como dinâmica de “cotextualização” (Franckel, 2002), permite definir alguns princípios teórico-metodológicos estruturantes de um programa de trabalho:

1. O estatuto central da singularidade e, por conseguinte, da variação no estudo sobre as unidades linguísticas. Há uma singularidade irreduzível mas também uma diversidade não escamoteável, que invalidam a existência de universais prévios à análise do funcionamento das línguas.
2. As ferramentas de análise e de cálculo de valores são elaboradas a partir dos dados observados. Define-se, deste modo, o que Antoine Culioli designou como uma “Teoria dos Observáveis”, um processo de conceptualização específico para o tipo de dados observados.
3. Tem-se acesso privilegiado à significação através da actividade de paráfrase e de reformulação, que é,

desde logo, uma actividade meta-linguística específica da linguagem humana verbal. Como consequência teórica deste facto, concebe-se que a significação das unidades linguísticas não é exterior à língua; obedece antes a uma ordem própria que não decalca o pensamento nem um referente externo.

4. É concebível a identificação de um modelo de identidade lexical em termos de “Forma Esquemática”, “pólo de regulação das interacções da unidade com o contexto [linguístico]” (Franckel & Paillard, 1997: 111). Esta é uma consequência ao nível da formalização baseada na tese fundamental de que a variação das unidades pode ser reportada a princípios regulares. Ou seja, a interacção de uma forma com o seu cotexto releva de regularidades passíveis de uma formalização.

Referências Bibliográficas

- Franckel, Jean-Jacques (2002) Introduction. *Langue Française* 133, pp. 3-15.
- Franckel, Jean-Jacques & Denis Paillard (1997) Prépositions et travail notionnel sur les termes mis en relation, le cas se sous en français. In C. Rivière & M.-L. Groussier (eds.) *La notion*. Paris: Éditions Ophrys, pp. 111-120.